
David Hume e as Paixões Indiretas na Sociedade em Rede

David Hume and the Indirect Passions in the Network Society

Tiago Porto¹

Agemir Bavaresco²

Resumo: O presente artigo pretende trazer à discussão a importância da Teoria das Paixões desenvolvida por David Hume como um horizonte interpretativo para as ações dos indivíduos conectados às redes sociais da Internet. Para tanto, este trabalho abordará inicialmente o que conhecemos por sociedade em rede e o importante papel desempenhado pela Internet nessa configuração social; em seguida, analisaremos como as paixões indiretas influenciam os indivíduos conectados à rede internacional de computadores.

Palavras-chave: Paixões. David Hume. Sociedade em rede. Internet. Redes sociais.

Abstract: This paper aims the discussion of the importance of David Hume's Passions Theory as an interpretative horizon to the actions of individuals connected to the Internet social networks. For this purpose, this work will approach what we know as network society and the major role performed by Internet in this social configuration; after that, we'll analyze how the indirect passions affect the people connected in the international computers web.

Keywords: Passions. David Hume. Network society. Internet. Social networks.

Introdução

Vivemos em mundo onde a Internet ocupa um lugar central na Era da Informação. Seja sob um caráter lúdico ou comunicacional, econômico ou político, acompanhamos um número cada vez maior de indivíduos e grupos corporativos conectados a rede internacional de computadores frente a uma crescente popularização de equipamentos que proporcionam tal acesso. Dessa forma, notamos

1 Graduando em Filosofia pela PUCRS, bolsista de iniciação científica pela FAPERGS. E-mail: tgporto@gmail.com.

2 Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris 1. Professor do PPG de Filosofia da PUCRS. Site: www.abavaresco.com.br. E-mail: abavaresco@pucrs.br. Endereço postal: Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 5 – Sala 608 – CEP: 90619-900 – Porto Alegre – RS.

uma nova configuração social onde o fluxo de informações é intenso, que parte de uma estrutura tradicional para uma em rede, ou seja, a ferramenta *online* conecta a todos os segmentos sociais.

Outrossim, as redes sociais presentes nesse ambiente virtual também são dignos de nota: nelas encontramos desde as mais banais discussões até organizações de movimentos sociais insurgentes. Isso ressalta a importância das emoções daqueles conectados nesses sítios de relacionamento, sentimentos que influenciam desde a escolha daqueles com quem irão se agregar até mesmo a maneira com que buscam influenciar os demais a favor das suas causas. Estes fatores trazem à discussão contemporânea a Teoria das Paixões desenvolvida por David Hume no século XVIII, que nos oferece um referencial para desenvolvermos um diagnóstico da influência das emoções nas redes sociais.

Tendo essas informações em vista, emergem algumas questões: o que constitui propriamente a sociedade em rede? Qual é o papel da Internet nessa nova configuração social? Como as paixões exercem influência nas ações dos indivíduos conectados à rede internacional de computadores? Este artigo pretende responder a estas indagações.

A sociedade em rede

Hoje em dia, temos um acesso praticamente instantâneo aos eventos que ocorrem no mundo devido ao advento da rede internacional de computadores, que ocupa uma posição central na sociedade contemporânea. Entre outras características, a Internet tem se mostrado uma ferramenta que proporciona um ambiente horizontalizado e democrático para a expressão dos indivíduos que nela se conectam. Mas qual é a influência desempenhada por ela na reconfiguração da sociedade tradicional para uma sociedade em rede?

Consideremos o seguinte: o ser humano, desde o seu nascimento, participa de uma comunidade que se interliga com diversas outras. A sua família relaciona-se com a sua comunidade, que por sua vez se relaciona com sua cidade, que insere-se dentro de um Estado que a regula. Dentro desse panorama, observamos que há uma rede relacional nos níveis micro – a família na qual nascemos – e macro – o Estado que nos abriga. Portanto, essas micro-redes (ou nós), que detém certo grau de autonomia,

estão conectadas a uma estrutura maior.

Quando falamos em rede, nos referimos à definição de Manuel Castells presente no seu livro *A Galáxia Internet* (2003):

Uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação. (CASTELLS, 2003, p. 7)

Esse conjunto de nós, reflete-se em diversos campos da sociedade: segurança, comunicação, informação, finanças, e comércio, por exemplo. Cada um desses distintos setores são autônomos, o que não significa que não estejam inter-relacionados ou que não influenciem uns aos outros: comércio e finanças possuem estreita ligação, assim como informação e comunicação andam juntas. O que entendemos por rede de segurança é o conjunto constituído pelas forças armadas (exército, aeronáutica e marinha), a polícia e demais instituições incumbidas de assegurar a proteção dos indivíduos ou da nação frente a ações criminosas ou hostis; a rede de comunicação, engloba os principais veículos comunicativos subsumidos no termo *mídia*: televisão, jornal, rádio e demais meios encontrados pela Internet, tais como sítios de notícias ou blogs, por exemplo; como redes informacionais, entendemos os meios que propiciam a obtenção e uso crítico e criativo de novas informações pelos indivíduos³; as redes comerciais englobam os núcleos de empresas mercantes, nacionais ou internacionais; e, finalmente, as redes financeiras representam as bolsas de valores e bancos que gerenciam as finanças de determinado local. Essas formas de redes possuem uma característica cosmopolita, visto que estão presentes em praticamente todas as culturas.

Com o crescente uso da Internet, o alcance dessas redes também aumentou, ultrapassando as fronteiras dos países onde situavam-se. Assim, acompanhamos o surgimento de uma nova sociedade: a *sociedade em rede*. Mas será que essa nova configuração é apenas um reflexo do mundo físico no virtual? Castells (2005)

3 Cf. MOURA, Maria Aparecida. Cultura informacional, redes sociais e lideranças comunitárias: uma parceria necessária. Disponível em <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/07_Cultura_informacional_redes_sociais_-_Maria_A_Moura.pdf>

discorda. Segundo ele, “nos primeiros anos do século XXI, a sociedade em rede não é a sociedade emergente da Era da Informação: ela já configura o núcleo das nossas sociedades”⁴. Em outras palavras, ela não é apenas um espelhamento social na Internet, mas é a *própria sociedade*, evoluída juntamente com suas ferramentas: o indivíduo que cria um perfil em um sítio de relacionamentos é o mesmo que podemos encontrar nas ruas ou no trabalho, por exemplo. Em suma, podemos dizer que a sociedade em rede “[...] é uma estrutura baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes”⁵.

É importante ressaltar que há uma estreita relação entre sociedade em rede e poder. De acordo com o seu livro *Communication Power* (2009), Castells defende que as relações de poder são os verdadeiros constituintes das sociedades, visto que aqueles que o possuem configuram as instituições de acordo com os seus interesses. A coerção assegura o poder, assim como a manipulação simbólica e a criação de significados que se estabelecerão nas mentes dos indivíduos: o sujeito recebe uma fantasia pronta do que é melhor para si, sendo sugestionado a aceitá-lo passivamente. Apesar dessas estruturas de poder serem encontradas em todas as instituições sociais, sobretudo no Estado, elas não são aceitas de maneira unânime: dentro das relações de poder encontramos também o contrapoder, que desempenha o seu contraponto. De acordo com Bavaresco (2013), “[...] os atores sociais reivindicam seus valores e interesses opostos e plurais, isto é, há uma disputa pela criação da rede de significados no imaginário das pessoas”⁶.

Contudo, segundo Castells, a rede em si não detém poder: este está nas mãos de atores com finalidades bastante específicas. Primeiramente, temos os *programmers*, indivíduos ou grupos que configuram/reconfiguram os objetivos das redes, decidem o que é possível fazer dentro de cada uma delas e demandam instruções aos seus subordinados. Cada *programmer* possui características próprias que se refletem nas

4 CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede, 2005, p. 19.

5 Idem, p. 20.

6 BAVARESCO, Agemir. Epistemologia das redes sociais, opinião pública e teoria da agenda. In SOUZA, Draiton Gonzaga de; BAVARESCO, Agemir. Direito e Filosofia I. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013. No Prelo.

redes: por exemplo, uma rede militar não responde à mesma configuração de uma rede financeira. Em segundo lugar, temos os *switchers*, que são responsáveis pelos pontos de conexão entre diferentes e estratégicas redes. Em outras palavras, são indivíduos ou grupos que organizam a sinergia entre diferentes redes que podem assegurar um resultado comum: uma guerra é melhor justificada quando a rede de segurança age em consonância com a rede de comunicação, que por sua vez irá apresentar os fatos que amparam o conflito, por exemplo. Sobre esses dois tipos de “controladores” do poder, diz Castells (2009): “*programmers and switchers are those actors and networks of actors who, because of their position in the social structure, hold network-making power, the paramount form of power in the network society*”⁷. Há, também, um terceiro grupo bastante importante: os *gatekeepers*. Estes são responsáveis de filtrar as informações que entram ou saem das redes, o que interfere diretamente no que os indivíduos podem vir a conhecer, como veremos mais adiante.

Tendo em vista as informações expostas até aqui, surgem importantes questões: como é que essas redes, tão diversas em seus objetivos, agem quando buscam a ampliação do seu poder? Qual é o seu objetivo último? Bavaresco (2013) observa que

Essas redes elaboram estratégias de parceria e competição, formando redes em torno de projetos particulares ou globais. Elas têm, porém, um interesse comum: controlar as regras da sociedade e a tomada de decisões, através de um sistema político que corresponda aos seus interesses e valores. A disputa é, de fato, entre as várias redes com a finalidade de regular o Estado em função de seus interesses específicos. (BAVARESCO, 2013, no prelo)

Em outras palavras, as redes podem trabalhar em conjunto em prol de um objetivo comum: estabelecer políticas internas e/ou estatais que proporcionem maiores vantagens para aqueles que as controlam, sejam elas locais ou até mesmo globais, visto que a Internet proporciona uma sensível diminuição das distâncias entre os indivíduos.

Além disso, outro ponto de influência da rede internacional de computadores se localiza na disponibilização de novas informações. Estas encontram-se dispostas em diversos *níveis*. A seguir, analisares brevemente três desses níveis: *técnico*,

7 CASTELLS, Manuel. *Communication Power*, 2009, p. 47, grifo do autor.

comunicacional e político.

a) Nível técnico

Observamos que a *web 2.0* nos oferece uma nova configuração da rede, proporcionando um modelo colaborativo entre os indivíduos a ela conectados no processo comunicacional. Dessa forma, o papel central das chamadas *mídias tradicionais*⁸ ou *velha mídia* (televisão, rádio e jornais impressos) de serem os detentores do que é notícia foi abalado, visto que o sistema de comunicação vertical baseado em poucos transmissores e muitos receptores está gradativamente sendo substituída por um sistema horizontalizado e mais democrático. Os indivíduos não necessitam aguardar pela próxima edição do jornal para se atualizar quanto aos acontecimentos do mundo, basta conectar-se à Internet que as notícias são facilmente encontradas. Outro fator que influi diretamente nessa alteração do paradigma informacional é a velocidade: na *web* vive-se o tempo do agora, os fatos são noticiados em tempo real.

Além desses fatores, o desenvolvimento tecnológico e o barateamento de equipamentos que propiciam o acesso à rede contribui diretamente na inclusão de indivíduos nas “mídias independentes”: os fatos podem ser divulgados seja pelo meio de blogs, redes sociais ou *uploads* de vídeos de forma crua, sem edição ou alguma imposição de filtros pré-estabelecidos por empresas de comunicação social. Dentro desse novo cenário pluralista, qualquer indivíduo pode tornar-se um produtor de informação, criticar ou relatar sua versão dos fatos. Conforme observa Bavaresco (2013),

Com essa mudança de contexto tecnológico, e até econômico, com o barateamento dessas tecnologias, a mídia independente passa a ser viável e autossustentável, tendo visibilidade para influir na formação e diversificação da opinião pública, posicionando-se criticamente face à grande empresa jornalística. (BAVARESCO, 2013, no prelo)

Frente a essa nova configuração no fluxo de informações, as grandes empresas de mídia tradicional tiveram de se modernizar, articulando suas orientações às novas mídias de várias formas possíveis. Atualmente, todas as empresas do ramo

8 Para fins metodológicos, iremos trabalhar com esta nomenclatura quando nos referirmos aos meios de comunicações tradicionais.

jornalístico possuem sítios na Internet e postam informações rapidamente, seguindo as normativas da rede.

Na Internet também encontramos outras formas de informação técnica, direcionada a tarefas específicas. Nos chamados *FAQs*⁹ e em tutorias, são disponibilizadas informações à respeito de praticamente qualquer assunto, do mais banal até o mais acadêmico. Esta espécie de material pode ser encontrada em diversos formatos, seja ele textual ou em vídeo por exemplo, ficando ao gosto do indivíduo interessado pela informação decidir o qual melhor o agrada. Nesse mesmo aspecto, também é corriqueiro encontrar aulas das mais variadas disciplinas, o que pode influenciar diretamente no aumento do nível de educação do sujeito que procura expandir seus conhecimentos em determinados campos do saber.

b) Nível comunicacional

O advento da Internet causou uma grande mudança no campo comunicacional, mudando a estrutura verticalizada de comunicação que era estruturada no fluxo de poucos emissores para vários receptores (modelo este amplamente utilizado pelas mídias tradicionais) para uma horizontalizada, onde temos vários emissores para vários receptores em interação constante. Além disso, as informações difundidas nessa forma pluralizada não recebem os filtros que os grandes grupos da mídia utilizam quando selecionam o que é pertinente ser comunicado. Essa nova configuração, caracterizada pela troca de mensagens em tempo real de muitos para muitos é o que Castells (2009) chama de *mass self-communication*:

It is mass communication because it can potentially reach a global audience [...]. At same time, it is self-communication because the production of the message is self-generated, the definition of the potential receiver(s) is self-directed, and the retrieval of specific messages or content from the World Wide Web and electronic communication networks is self-selected. (CASTELLS, 2009, p. 55)

Assim, a Internet proporcionou um terreno onde a mídia independente

9 Sigla proveniente do inglês “Frequently Asked Questions”, abarca questões comumente perguntadas quanto ao funcionamento de determinado item. Essas FAQs geralmente são encontradas em *sites* de equipamentos ou de *softwares*, mas não se limitam a eles.

pudesse surgir e difundir-se. Por mais que as mídias tradicionais ainda detenham um poder expressivo na formação de opinião, cada vez mais os independentes ganham espaço, fortalecendo sua capacidade de influenciar os indivíduos que neles buscam uma fonte de informação alternativa. Portanto, é lícito dizer que existe uma democratização da mídia *online*, trazendo na vanguarda a diversidade e a multidimensionalidade da informação. Podemos dizer, então, que a mídia independente é responsável por uma contradição no discurso estabelecido pelas mídias tradicionais. Bavaresco (2013) observa que “há a produção de um contradiscurso, que surge nos blogs, nas listas de e-mails, dos sites, da mídia independente, implementando a contradição na opinião pública. Difunde-se uma contrainformação com uma rapidez muito grande, o que seria impossível se não houvesse a Internet”¹⁰.

Com essa mudança de paradigma provocado pela rede internacional de computadores, o conceito de jornalismo vem se alterando. Antigamente, o jornalista fazia a sua investigação e preparava a sua matéria conforme as normas editoriais do seu jornal; tudo aquilo que não se adequasse ao perfil da empresa era descartado da pauta, configurando uma atitude excludente. Contudo, com a possibilidade de um acesso horizontalizado pela Internet, onde os indivíduos podem não somente buscar as informações que os jornais não cobrem, mas também checar se as fontes são confiáveis ou se a leitura dos fatos não é tendenciosa, as empresas de comunicação de massa buscaram modernizar a sua forma de trabalho. Com a divulgação da notícia na rede, o leitor já pode interagir com o profissional da informação, expondo a sua opinião quanto ao fato abordado. Dessa forma, o jornalismo passa para uma configuração inclusiva, onde o papel do leitor, que antes era passivo, passa a ser interativo com o jornal. Além disso, há uma gama de profissionais em interface com as redes sociais, designados pelas empresas para monitorar o que ocorre nesse ambiente virtual, mantendo assim um contato com o que está sendo discutido no momento.

É importante ressaltar que o ambiente horizontalizado e democrático

10 BAVARESCO, Agemir. Epistemologia das redes sociais, opinião pública e teoria da agenda. In SOUZA, Draiton Gonzaga de; BAVARESCO, Agemir. Direito e Filosofia I. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013. No Prelo.

proporcionado pela Internet transforma todo indivíduo conectado à rede em uma fonte informativa em potencial. Seja por *e-mails*, *blogs*, fóruns ou redes sociais, cada sujeito *online* pode noticiar fatos ocorridos na sua localidade ou em qualquer lugar do mundo, de forma bruta e sem edição, focalizando diretamente no seu público-alvo. Seguindo esse raciocínio, Bavaresco (2013) ressalta que “o ecossistema de mídia está em mutação, pois se o anterior era baseado na escassez de informações, o novo baseia-se na abundância e no pluralismo”¹¹.

c) Nível político

No nível político, a rede internacional de computadores tem servido como campo de denúncias contra abusos governamentais, militares ou corporativos, pondo em cheque a maneira com que se faz política. Grupos como o *Wikileaks* se especializam em vaziar informações de interesse público, denunciando inúmeras irregularidades até então confidenciais. Uma vez expostos estes dados, o debate em esfera pública se expande, levando os indivíduos a questionar, entre outras coisas, a validade dos sistemas de representação política em vigor. Não podemos, é claro, por a culpa dessa crise de representatividade nos grupos que trazem à tona tais tópicos, visto que essas informações não são forjadas: o problema reside nas atividades desempenhadas pelos representantes do poder. Dessa forma, a Internet se torna também uma ferramenta de oposição contra possíveis decisões unilaterais dos governantes, uma vez que além de possuir um caráter comunicacional, também detém o poder de agregar os indivíduos sob um mesmo objetivo.

Leonardo Sakamoto (2013) observa que os políticos tradicionais têm uma grande dificuldade em assimilar como os movimentos sociais podem se articular pela Internet, sobretudo pelas redes sociais, pois estes as veem apenas como um terreno para marketing pessoal ou um meio de fluir informação e, assim, influenciar seus eleitores. Existem também os políticos que acreditam que essas redes são entidades fechadas em si mesmas e não plataformas de construção políticas, uma vez que não são mediadas pelos meios tradicionais de comunicação¹². Tendo isso em vista, o

11 Idem.

12 Cf. SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In Cidades Rebeldes. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 95.

jornalista argumenta que

Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social. (SAKAMOTO, 2013, p. 95)

Portanto, a Internet deixa de desempenhar apenas as supostas dimensões do entretenimento e da comunicação, passando a exercer também uma influência política. Pelas redes sociais e fóruns *online*, os indivíduos descontentes com as ações governamentais organizam protestos e manifestações, decidindo a pauta das reivindicações a serem feitas. Se o número de participantes é expressivo e o objetivo é universalizável, o objetivo desses grupos acaba influenciando a opinião pública e força uma mudança por parte dos governantes. É inegável, portanto, o poder que a Internet possui se empregada de forma adequada.

Com esse panorama político estabelecido, vemos gradativamente emergir da rede internacional de computadores uma nova alternativa democrática: a *e-democracy*. Esta nova modalidade política representa um controle maior por parte dos cidadãos e uma participação mais ativa nas decisões governamentais e na criação de novas leis. Considerando o seu caráter global, já que ela supõe uma maior interação entre cidadãos e governantes mediada pela Internet, podemos dizer que sua aplicabilidade é possível em pequenas comunidades, estados, nações e até mesmo em um panorama mundial. Com a interferência direta dos indivíduos, a *e-democracy* proporciona um horizonte onde uma experiência de democracia direta poderia se efetivar¹³.

Para citar um exemplo do uso político da *web*, podemos falar sobre a Islândia: após a crise de 2008, o país passou por uma grande reformulação política. Após elegerem 25 representantes sem vínculos com partidos políticos, estes ficaram responsáveis de reescrever a *Carta Magna* do país, que depois de pronta seria revista pelo poder judiciário. As assembleias e a confecção do documento foram transmitidas ao vivo pela Internet, que também permitiu que os demais habitantes islandeses pudessem opinar nas decisões dos seus representantes.

13 Cf. verbete disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/E-democracy>>.

The CAC¹⁴ sought the participation of all citizens via the Internet. Facebook was the primary platform for debate. Twitter was the channel to report on the work in progress and to respond to queries from citizens. YouTube and Flickr were used to set up direct communication between citizens and the council members, as well as to participate in debates taking place throughout Iceland.¹⁵ (CASTELLS, 2012, p. 39)

Dessa forma, o grupo responsável pela nova constituição recebeu um número aproximado de 16.000 sugestões e comentários *online* e *offline*, debatidas amplamente nas redes sociais. Como resultado, foram escritas 15 versões do documento, levando em consideração a amplidão dos seus resultados¹⁶. Assim, pode-se dizer que o documento final foi, literalmente, produzido através de um processo de *crowdsourcing*¹⁷.

Conforme vimos acima, a sociedade em rede é a evolução da sociedade tradicional em função dos avanços tecnológicos, sobretudo da Internet, que desempenha um papel central na atualidade. Nas próximas páginas, deixaremos de lado a parte “técnica” dessa nova configuração social e abordaremos a maneira com que as emoções influenciam os indivíduos conectados à rede internacional de computadores, sobretudo nas redes sociais. Para tanto, iremos analisar o que a Teoria das Paixões de David Hume – mais especificamente o estudo das paixões indiretas – tem a nos dizer acerca das decisões e atitudes tomadas pelas pessoas que participam dos sítios de relacionamento *online*.

Hume, paixões indiretas, redes sociais

O filósofo escocês David Hume buscava com os seus estudos compreender a natureza dos seres humanos: desde a maneira como podemos obter conhecimento das coisas do mundo quanto a influência dos sentimentos nas ações dos indivíduos. Dividido em três partes, o *Tratado da natureza humana* abrange esses tópicos, sendo a segunda parte do livro dedicada à investigação das *paixões*. Para o estudo destas, Hume irá traçar uma distinção entre as impressões. Segundo a sua teoria, elas podem

14 Constitutional Assembly Council, nome dado ao grupo de pessoas sem vínculos políticos eleitas pelos habitantes para trabalharem na elaboração de uma nova constituição.

15 Castells, Manuel. *Networks of outrage and hope*, 2012, p. 39.

16 Ibidem.

17 Processo colaborativo entre pessoas conectadas à Internet.

ser de sensação/originais ou reflexivas/secundárias. As impressões de sensação provêm dos meios empíricos, como por exemplo os dados dos sentidos, prazeres e dores corporais, necessitando diretamente de causas naturais físicas, não sendo o foco do seu trabalho nesta parte do livro porque concernem à Filosofia da Natureza. Já ao grupo das impressões reflexivas pertencem as paixões e outras emoções variadas, provenientes das impressões de sensação seja de forma imediata ou à partir de uma interposição de ideias, sendo esse grupo o objeto do seu estudo.

O autor observa que as paixões podem ser divididas em *diretas e indiretas*. As diretas são as que surgem imediatamente da experiência de bem ou mal, da sensação de dor ou prazer; já as indiretas seguem a mesma lógica, contudo surgem pela conjunção de outras qualidades. Segundo sua definição, encontramos entre as paixões do primeiro grupo o desejo, a aversão, a tristeza e a alegria; no segundo grupo, aparecem o orgulho, a humildade, o amor, o ódio e a inveja, entre outros. A partir deste ponto, nos ocuparemos apenas com as *paixões indiretas*, visando explicitar como elas são identificadas e influentes nas redes sociais *online*. Portanto, seguindo os passos de Hume no *Tratado*, iremos abordar as paixões indiretas, sendo elas *humildade, orgulho, amor e ódio*, além das suas derivações.

a) Orgulho e humildade

Hume observa que as paixões *orgulho* e *humildade* possuem como objeto o *eu*, ou seja, “[...] aquela sucessão de ideias e impressões relacionadas, de que temos memória e consciência íntima.”¹⁸. Contudo, elas são opostas e não podem surgir ao mesmo tempo, visto que suas forças equivalentes fariam com que se aniquilassem mutuamente. Tendo em vista essa disputa de forças, o autor busca definir as diferentes razões que as provocam, pois a paixão se situa entre as ideias de causa e o seu objeto. Entre as causas do orgulho, são descritas as qualidades mentais de valor, imaginação, juízo, memória ou temperamento (coragem, justiça, bom-senso, etc), assim como atributos físicos tais como beleza, força ou habilidades manuais; já os seus opostos, esses pertencem às causas da humildade. Não obstante, essas paixões ainda se estendem a quaisquer objetos que tenham relação ou ligação conosco, como país, família, amigos ou bens pessoais.

18 HUME, David. *Tratado da natureza humana*. 2ed., São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 311.

Conforme a teoria humeana, existem três propriedades distintas que constituem a natureza humana e influenciam na geração das paixões: a *associação de ideias*, a *associação de impressões* e o *duplo impulso*. De acordo com o estudo, a mente humana não é capaz de manter a sua atenção voltada a uma única ideia por muito tempo, nem mesmo com muito esforço. Temos, portanto, a predisposição de mudar o foco dos nossos pensamentos, mas não de maneira caótica e desordenada.

A regra segundo a qual procedem consiste em passar de um objeto àquele que lhe é semelhante ou contíguo, ou que é produzido por ele. Quando uma ideia está presente à imaginação, qualquer outra ideia unida à primeira por essas relações segue-a naturalmente, e penetra com mais facilidade em virtude dessa introdução.(HUME, 2009, p. 317)

Dessa forma, notamos como as ideias transitam entre si, seja por meio da semelhança ou de derivações, dando origem à associação de ideias.

A *associação de impressões* nos diz que impressões semelhantes se conectam entre si, ou seja, quando uma impressão surge outras a acompanhem logo em seguida. Assim como no caso anterior, nossa mente não se comporta de forma constante, logo que uma paixão se faz presente ela não consegue se limitar a ela puramente, sem passar a uma paixão parecida. Isso demonstra, portanto, que existe uma atração ou uma associação entre as impressões, ao modo que há entre as ideias; contudo, há uma diferença importante entre os dois tipos: a associação entre ideias se dá mediante semelhança, causalidade e contiguidade, enquanto a associação entre impressões ocorre apenas por semelhança.

Finalmente, o *duplo impulso* mostra que as duas espécies de associação funcionam melhor quando operam em conjunto, favorecendo a transição quando elas coincidem no mesmo objeto. Quando encontram um objeto em comum, as ideias concorrem com os princípios que agem sobre as paixões, conferindo conjuntamente um *duplo impulso* à mente. Desse novo impulso surge uma nova paixão, dotada de uma intensidade maior e capaz de uma transição mais fácil e natural da antiga para a corrente.

Uma vez estabelecidas os princípios geradores das paixões, Hume investiga as causas do orgulho e da humildade, que segundo ele podem ser abordadas como qualidades operantes ou sujeitos onde essas qualidades se encontram. Ao estudar essas qualidades, observa-se que elas contribuem na produção das sensações de

prazer e dor: a beleza de nosso corpo nos provoca orgulho, além de uma sensação prazerosa; já a feiura nos provoca sensações contrárias, sendo elas a humildade e a dor. Baseados no princípio de indução¹⁹, tomamos por correto pensar que toda a causa de orgulho nos provoca prazer e toda a causa de humildade traz consigo sofrimento. Essas qualidades podem ou ser parte de nós mesmos ou estarem relacionadas conosco de alguma forma. Contudo, se essas características fossem transferidas para determinado sujeito ou objeto que não possui nenhuma espécie de ligação conosco, não influenciariam nos afetos por não possuírem relevância alguma para nós.

Em suma,

Comparo, portanto, essas duas propriedades *estabelecidas* das paixões – a saber, seu objeto, que é o eu, e sua sensação, que é prazerosa ou dolorosa – com as duas propriedades *supostas* das causas – sua relação com o eu e sua tendência a produzir dor ou prazer, independentemente da paixão [...]. A causa que suscita a paixão está relacionada com o objeto que a natureza atribuiu à paixão; a sensação que a causa produz separadamente está relacionada com a sensação da paixão. Dessa dupla relação, de ideias e impressões, é que deriva a paixão. Uma ideia converte-se facilmente em sua ideia correlata; e uma impressão, naquela outra impressão que se assemelha e corresponde a ela. (HUME, 2009, p.321, grifo do autor)

Antes de prosseguirmos é importante ressaltar dois pontos. Primeiro, o autor considera que a fisiologia humana traz em si uma predisposição a produzir paixões e ideias, dado todo o nosso aparato corpóreo: o olfato nos leva à sensação de fome, que nos faz formar a ideia de um determinado alimento; ao sentir o sabor da comida feita pela mãe, o indivíduo se orgulha pelos seus dotes culinários. O segundo ponto é que a natureza não produz paixões de forma direta, necessitando sempre da cooperação de outros fatores. Em outras palavras, as paixões requerem causas específicas para serem excitadas e esvanecem quando não se sustentam. Logo, se surgissem da natureza imediatamente, seriam permanentes e invariáveis, pois não existe uma disposição corporal própria a elas, como no caso da fome ou apetite sexual.

19 Hume critica na sua obra o princípio da indução, argumentando que não passa de um efeito dos hábitos sobre a imaginação. Ao nos acostumarmos a ver uma conjunção constante entre objetos ou ações, inferimos dessas observações uma ligação entre eles ou uma relação de causa-efeito, ainda que não haja nenhum dado proveniente das coisas mesmas que amparem essa inferência.

Relacionando essas paixões iniciais com a sociedade em rede, podemos afirmar que estas são bastante presentes nas redes sociais *online*. Tendo em vista, na maior parte das vezes, a sua autopromoção, as pessoas que criam um perfil nos sítios de relacionamento da Internet costumam exibir informações suas de acordo com as características que acreditam serem seus pontos fortes ou que despertam de alguma forma o seu *orgulho*: gostos (refinados ou duvidosos), opiniões ou bens materiais figuram entre as peculiaridades mais comuns expostas publicamente nos seus perfis. Baseado nessas características, o sujeito insere-se em grupos de afinidade ou comunidades direcionadas à discussão de assuntos específicos, mantendo um contato constante com outros indivíduos que compartilham de interesses comuns. Considerando seus traços mais marcantes, pessoas que desejam estabelecer um maior contato com outros indivíduos não se limitam a conversações nos grupos, buscam também um vínculo maior de amizade. Esta nova ligação pode ser refletida no mundo físico, abarcando as relações entre amigos *offline*, ou manter-se tão somente na esfera virtual. Assim, mais um fator de orgulho entre alguns usuários das redes sociais é a quantidade de amigos ou seguidores estabelecidos em uma micro rede de contatos, ainda que o grau de interação com esses demais indivíduos possa ser praticamente nulo. Tal fenômeno pode ocorrer pelo carisma do sujeito ou pela relevância das informações por ele disponibilizada, podendo ser um indicador de que se trata de um ator social com capacidades de formar opiniões.

Por outro lado, a *humildade* surge como um sentimento de vergonha por não possuir requisitos abstratos ou materiais necessários para participar de certas associações ou por fazer parte de algum grupo considerado indesejável pelos demais. Ainda que a Internet proporcione uma nova esfera pública, mais democrática e horizontalizada, alguns problemas do mundo *offline* se refletem também no ambiente virtual. Assim, não é fato raro que pessoas pertencentes às classes sociais baixas, minorias ou grupos étnicos sofram com o desrespeito ou o escárnio de outros indivíduos, seja pelo baixo poder aquisitivo, linguagem com erros gramaticais ou simplesmente por representarem algo diferente. Com o desprezo recebido por esses indivíduos vem de par a paixão da humildade, trazendo consigo a vergonha social e demais sentimentos de injustiça. São propriamente esses afetos que podem impulsionar os movimentos sociais, conforme acompanhamos anteriormente no

pensamento de Castells.

b) Amor e ódio

Segundo Hume, o *amor* e o *ódio* são paixões impossíveis de se definir propriamente pois produzem apenas uma impressão simples, não retendo nenhum tipo de mistura ou composição. Em geral, esse par de paixões possui um grau elevado de semelhança com o par anteriormente analisado – o orgulho e a humildade – sobretudo no efeito que essas paixões nos provocam: por um lado o prazer provocado pelo amor e pelo orgulho; pelo outro, dor na presença do ódio e da humildade. Contudo, existem importantes pontos de diferenciação entre os dois grupos. Primeiramente, o amor e o ódio não têm como objeto o *eu*, mas sim um indivíduo ou grupo externo a nós. Em segundo lugar, o *amor próprio* não participa dessa definição, pois a sensação produzida pela paixão difere da emoção que sentimos por alguém próximo a nós. Em terceiro lugar, esse indivíduo externo que é o objeto da paixão não pode ser a sua *causa*, visto que possuem direções contrárias. Portanto, as causas do surgimento do amor e do ódio são plurais: virtude, beleza, conhecimento, por exemplo, geram o primeiro; os seus opostos, geram o último.

Dessa explicação conseguimos obter uma nova diferenciação entre a *qualidade* operante e o *sujeito* onde a encontramos. Tomando por exemplo uma celebridade conhecida por seu bom gosto, podemos dizer que a admiração do povo se dá, em primeira instância, pelas suas posses e, em segundo lugar, pela relação de propriedade empregada entre a celebridade e seus pertences. Suprimir um desses fatores nos leva à destruição da paixão, o que demonstra a teoria humeana de que a causa dessas paixões é sempre composta.

Ao direcionar o foco da sua investigação para o afeto pelos parentes ou amigos, o autor ressalta que “qualquer pessoa que esteja unida a nós por meio de alguma conexão pode ter certeza de que receberá uma parcela de nosso amor, proporcional ao grau da conexão, sem que precisemos saber quais são as outras qualidades”²⁰. Isto significa que o amor se dá primeiramente em uma relação que parte de nós para com o objeto, sendo seguida pelas outras formas de relação. Dessa

20 HUME, David. Tratado da natureza humana. 2ed., São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 386.

espécie de relação podemos ressaltar dois tipos em especial: a *consanguinidade* e a *familiaridade*. A primeira ocorre entre nós e nossos parentes, estabelecendo um laço extremamente forte entre pais e filhos, diluindo-se conforme o grau de parentesco diminui. A segunda, acontece quando nos acostumamos ou nos tornamos íntimos de alguém que não possui qualquer grau de parentesco conosco. Assim, possuímos uma maior inclinação a preferir a companhia de uma pessoa com a qual convivemos do que um indivíduo totalmente estranho a nós. Contudo, é importante salientar que nossas relações, sobretudo com pessoas que não são nossas parentes, se dá sobretudo devido a *simpatia* que nasce entre temperamentos similares: geralmente, buscamos a companhia de pessoas que pensam ou se comportam de maneira parecida com a nossa.

Cabe, aqui, analisarmos com maior atenção esse novo conceito desenvolvido pelo autor. Segundo sua definição, a simpatia é uma qualidade humana que nos permite “simpatizar com os outros e a receber por comunicação suas inclinações e sentimentos, por mais diferentes ou até contraditórios aos nossos”²¹. Conforme seu estudo, não é fato raro que uma paixão comunicada através da simpatia inicialmente como uma ideia converta-se em uma impressão, recebendo força até tornar-se a mesma paixão inicialmente transmitida. Contudo, para que isso ocorra de forma eficaz, é necessário que a transmissão do afeto esteja em conjunção com duas importantes relações: a *semelhança* e a *contiguidade*. A semelhança geral entre as naturezas dos seres, além de outras mais específicas como linguagem, caráter ou comportamento, facilita muito a simpatia. Quanto maior o grau de semelhança, mais rápido a mente realizará a transição entre a ideia proveniente do outro e a que temos em nós mesmos. Assim, podemos dizer que essa relação estabelece uma conexão entre as ideias e, partindo da propensão natural que temos de acessarmos as mesmas impressões que observamos nos outros indivíduos, auxilia na sua conversão em impressões. A relação da *contiguidade* também é bastante importante, visto que as opiniões e sentimentos daqueles que possuem algum tipo de vínculo consanguíneo ou que fazem parte do nosso meio social possuem um peso muito maior do que os de pessoas que não partilham desses vínculos. De acordo com as palavras de Hume, “[...] para além da relação de causa e efeito, que nos convence da realidade da paixão

21 Idem, p. 351.

que simpatizamos, precisamos das relações de semelhança e contiguidade para sentir a simpatia em sua plenitude”²².

No decorrer da sua investigação, Hume observa que outras paixões seguem-se do amor e do ódio. De acordo com o seu argumento, essas paixões são sempre seguidas pela *benevolência* e pela *raiva*, estando sempre em conjunção com estas. Assim, temos a diferenciação entre essas paixões e o orgulho e a humildade, visto que estas não nos impulsionam para a ação por não possuírem nenhum desejo a elas atrelado. Contudo, o amor e o ódio não se bastam em si mesmos, não permanecendo estanques na emoção que produzem, levando a mente cada vez mais adiante no fluxo das paixões. Sabemos que a paixão do amor nos traz sensações agradáveis e prazerosas, sendo essa paixão acompanhada por um forte desejo pela felicidade da pessoa amada e repulsa por quaisquer meio que possa trazer sua infelicidade; enquanto o ódio nos traz aversão e repulsa, produzindo-nos um desejo pelo sofrimento e total aversão pela alegria da pessoa por nós odiada. Esses desejos aparecem somente quando a imaginação nos apresenta a ideia de felicidade ou infelicidade do objeto do nosso amor ou ódio, mas não são em absoluto essenciais para essas paixões: são sentimentos naturais a esses afetos, porém não são os únicos, visto que podem surgir uma gama imensa de afetos e as paixões de amor e ódio podem muito bem subsistir por um tempo indeterminado sem que tenhamos o desejo de felicidade ou infelicidade do objeto do nosso afeto. Isso ressalta que a benevolência e a raiva *não são* a mesma coisa que o amor e o ódio, mas efeitos que seguem a eles.

Outra característica digna de nota é que sempre encontramos uma mistura de sentimentos positivos – como amor ou ternura – com a piedade e de sentimentos negativos – como o ódio ou raiva – com a malevolência. A fim de explicar essa relação, Hume diz que para determinar o caráter de uma paixão, não devemos considerar apenas a sensação de prazer ou dor presente no momento em que ela aflora, mas sua inclinação do começo ao fim. Assim, conforme foi dito anteriormente, uma paixão pode se relacionar com a outra devido a semelhança (por exemplo, passar de um descontentamento a raiva, e da raiva ao ódio) e, também, de acordo com a sua direção: passamos de uma paixão mais calma para outra mais

22 Idem, p. 354.

violenta considerando que fazem parte de um mesmo “grupo”. Contudo, o autor ressalva que isso não pode ocorrer com a humildade e com o orgulho, visto que essas paixões são puras sensações, desprovidas de direção e tendências à ação.

Bem, mas como é possível que um objeto consiga provocar duas paixões diferentes em nós? Conforme vimos anteriormente, o orgulho e a humildade tem como objeto o eu. Assim, quando a qualidade que causa a paixão está em nós mesmo, temos as paixões acima citadas; em outra pessoa, nos provoca o amor ou o ódio, visto que o seu objeto é sempre externo ao eu. Essas paixões de amor e ódio causadas pelo outro, quando comparadas com as nossas próprias paixões, podem provocar o surgimento de um afeto de sentido oposto: orgulho ou humildade. Em suma, nenhuma qualidade presente em outra pessoa pode nos causar orgulho ou humildade por comparação se não for capaz de produzir essas paixões diretamente em nós mesmos. Ou seja, determinada qualidade encontrada em outra pessoa só poderá nos causar humildade por comparação caso essa mesma qualidade, encontrada em nós mesmos, nos proporcione diretamente orgulho. Dessa forma, Hume afirma que a sensação produzida pelos objetos através da comparação sempre é diretamente oposta à sensação original.

Contudo, é razoável questionar o motivo pelo qual em determinados casos as paixões aparecem mistas, enquanto em outros aparecem na sua forma pura. O autor explica da seguinte forma: quando um objeto que está apto a gerar amor – mas não apto o suficiente para gerar orgulho – está em posse de outra pessoa, ele causa diretamente a paixão do amor em um grau elevado; porém, origina um grau fraco de humildade, considerando o princípio da comparação; segue-se a isso que essa última paixão mal é percebida no composto criado, dado a sua fraqueza, ressaltando a incapacidade de transformar o amor em respeito. Segundo o autor, esse é o caso da boa índole, da generosidade e da beleza entre outras qualidades, que possuem uma aptidão própria em criar amor pelos demais, mas não possuem esse mesmo vigor para aflorar o orgulho em nós mesmos. Assim, quando essas qualidades aparecem nos outros indivíduos, elas produzem amor puro, com uma mistura muito fraca de humildade e respeito; o mesmo se dá com as paixões opostas.

Ao fim dessa análise, observamos que o *amor* e suas derivações, como a *benevolência* por exemplo, exercem grande influência no comportamento dos sujeitos,

o que se reflete nas redes sociais *online*. Conforme vimos anteriormente, os indivíduos podem se organizar em grupos ou comunidades a fim de debater os mais diversos assuntos. Partindo da sensação de prazer proveniente desses dois afetos, grupos de apoio humanitário ou defensores dos direitos animais ganham espaço e voz ativa na Internet. Outrossim, ações que buscam trazer maior visibilidade à causas como a erradicação da miséria ou contra a escravidão infantil, por exemplo, ganham cada vez mais adeptos, o que reafirma o poderio que a rede internacional de computadores possui em proporcionar um cenário democrático propício para a visibilidade de causas diversificadas. É importante ressaltar que a paixão do *amor* funciona muito bem com o conceito de *união* empregado por Manuel Castells, visto que o amor facilita a construção da confiança e da esperança. De acordo com os argumentos elaborados no capítulo anterior, os indivíduos conectados às redes sociais buscam ao unirem-se à outros um sentimento de coesão para vencer o sentimento negativo do *medo*, que pode paralisar os sujeitos que desejam lutar por causas sociais.

Contudo, o *ódio* e a *raiva* exercem a influência oposta às paixões acima citadas. Assim como existem inúmeros grupos que lutam a favor da inclusão e em prol de avanços humanitários, o mesmo ocorre quando se trata de intolerância e segregação. Sob a bandeira da democracia e da liberdade de expressão, grupos intolerantes utilizam a Internet como ferramenta de combate e as redes sociais digitais como veículo de propaganda para mensagens de ódio. Da mesma forma que ocorre com as demais organizações em rede, os intolerantes marcam seus encontros e combinam suas ações *online*. Além desses grupos, existem também indivíduos que valem-se do anonimato que a rede pode proporcionar para atacar outras pessoas gratuitamente ou apenas tecer comentários que visam desmoralizar a argumentação de outrem, buscando chamar a atenção às vezes de forma ofensiva. Os usuários que correspondem ao primeiro grupo são conhecidos como *haters*²³, enquanto os do segundo grupo são nomeados *trolls*²⁴. Contudo, a *raiva* não se vincula apenas a esses indivíduos, servindo também como um motor que pode impulsionar os indivíduos

23 Cf. matéria disponível em <<http://diariodovale.uol.com.br/noticias/0,79793,A-internet-e-dos-%E2%80%98haters%E2%80%99.html#axzz2jLis8DOj>>.

24 Cf. matéria disponível em <<http://www.newstatesman.com/helen-lewis/2013/07/who-are-trolls>>.

para atitudes reformistas. Conforme vimos anteriormente, o sentimento de revolta pode dar lugar à raiva, o que irá causar um movimento insurgente, por exemplo. Assim, ao compartilhar seus sentimentos pelas redes sociais, os indivíduos acabam se unindo em resposta às causas dessa revolta, visto que a Internet oferece um horizonte de possibilidades para a organização de movimentos sociais.

Outro fator importante de nota é que esses afetos nem sempre estão marcados de forma clara, havendo eventual ambiguidade nessas relações. Como um exemplo disso, podemos citar o comportamento dos *trolls*: ao tecerem comentários descontextualizados ou ofensivos, o indivíduo não busca simplesmente ser desagradável; ao contrário, procura obter uma espécie de reconhecimento que pela via argumentativa não receberia, seja pela sua ignorância do tema debatido ou pela sua simples falta de ter algo construtivo a ser dito. Assim, esse indivíduo vivencia uma mistura de paixões, o que reflete-se no seu comportamento duvidoso na rede internacional de computadores.

Finalmente, fica claro que o conceito de *simpatia* elaborado por Hume é uma peça-chave para compreendermos os motivos pelos quais grupos distintos formam-se pelas redes sociais da Internet. Como analisamos anteriormente, a simpatia é uma qualidade própria do ser humano de afeiçoar-se a outros indivíduos e receber suas inclinações e sentimentos. Outrossim, é uma capacidade de colocar-se no lugar de outra pessoa, visto que compartilhamos do conhecimento das sensações de prazer e dor. Dessa forma, podemos dizer que o ser humano busca agrupar-se nos sítios de relacionamento *online* conforme suas afinidades, de acordo com as paixões transmitidas pela simpatia. É possível mensurar a sua força quando movimentos sociais se formam a partir de algum desrespeito sofrido por determinados indivíduos ou grupos: ao compartilhar um sentimento de injustiça pelas redes sociais (seja no formato de documento, vídeo ou depoimento propriamente dito), o reconhecimento do afeto negativo provoca a reação dos demais indivíduos. Isso assinala que, independente do sujeito fazer parte do grupo que sofreu com o desrespeito, é possível que ele possa ser solidário e defender a legitimidade de dado movimento social por ventura proveniente do ocorrido. Isso também explica o motivo pelo qual o *cyber-bullying* feito por certos grupos de usuários da rede internacional de computadores consegue provocar diversos distúrbios psicológicos nos sujeitos que

sofrem desse ato de ódio, tendo em vista a argumentação de Manuel Castells de que não existe uma divisão entre mundo físico e mundo virtual, já que a sociedade em rede é uma evolução da sociedade tradicional.

Conclusão

Conforme observamos nesse artigo, os indivíduos ligam-se em estruturas em rede desde o seu nascimento e o modelo social no qual estão inseridos evoluiu de uma sociedade tradicional para uma *sociedade em rede*. Assim, é correto dizer que a Internet tornou-se uma ferramenta fundamental nos dias de hoje, visto que proporciona um cenário horizontalizado e democrático tanto para a comunicação entre os indivíduos quanto para a disponibilização de informações. Estas, encontram-se dispostas em diferentes níveis da rede, sendo os mais relevantes o técnico, o comunicacional e o político. Além disso, vimos como as redes sociais *online* vêm ganhando espaço e desempenhando um papel importante tanto na agregação de diferentes tipos de pessoas tanto para o lazer quanto na organização de movimentos sociais. Todavia, é inegável que os sentimentos causados nos membros das redes sociais desempenham um determinante papel para a tomada de decisões ou articulações em rede, ressaltando como as paixões podem ser influentes na esfera virtual.

David Hume, no século XVIII, com o seu interesse pela natureza humana e a forma com que as paixões determinam os atos das pessoas, ressoa nos dias atuais ao observarmos os padrões comportamentais das ações organizadas pela rede internacional de computadores. Dividindo as paixões em dois grupos, *diretas e indiretas*, o autor realiza a sua diferenciação quanto a sua proximidade às sensações de prazer ou dor: as paixões diretas surgem imediatamente dessas sensações, enquanto que as paixões indiretas necessitam de um objeto para que possam ser devidamente excitadas. Tendo essa divisão em mente, conseguimos correlacionar sua teoria com a atual configuração da sociedade em rede.

Seguindo o mesmo roteiro utilizado por Hume no *Tratado da Natureza Humana*, dissertamos sobre os pontos mais relevantes do seu estudo das paixões indiretas para ressaltar o quão determinantes elas são para os padrões comportamentais encontrados nos indivíduos conectados às redes sociais. Assim, iniciando pelo *orgulho, humildade, amor, ódio* e suas paixões derivadas, identificamos

como *paixões indiretas* são importantes para compreendermos os sentimentos que subjazem às decisões e atos realizados pelos indivíduos em ambiente virtual, além de ressaltar o papel central desempenhado pela *simpatia* na formação de grupos nas redes sociais *online*.

Há, portanto, uma ponte entre as observações de Manuel Castells quanto ao poder das emoções nos movimentos sociais da atualidade e a Teoria das Paixões desenvolvida por Hume no século XVIII. Isso ressalta como os estudos humeanos ainda são atuais, dialogando com problemas e características próprios dos nossos dias. Contudo, esse assunto não se esgota com essas poucas páginas, visto que a força dos sentimentos nas nossas ações vem sendo estudado por diversos campos de conhecimento, da Filosofia à neurociência, passando pelas Ciências Sociais entre outros. Esperamos que este artigo possa colaborar com a discussão filosófica acerca desse rico tema, trazendo luz e incentivando a pesquisa deste tema atual.

Referências Bibliográficas

BAVARESCO, Agemir. Epistemologia das redes sociais, opinião pública e teoria da agenda. In: SOUZA, Draiton Gonzaga de; BAVARESCO, Agemir. **Direito e Filosofia I**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013. No Prelo.

CASTELLS, Manuel. **Networks of outrage and hope**. Malden: Polity, 2012, 200p.

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. New York: Oxford University, c2009, 592p.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org.). **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Belém: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, 439p.

COVENTRY, Angela. **Comprender Hume**. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 2011, 232p.

HUME, David. **Tratado da natureza humana**. 2ed., São Paulo: Editora UNESP, 2009, 760p.

NORTON, David; TAYLOR, Jacqueline (ed.). **The Cambridge companion to Hume**. New York: Cambridge University Press, 2009, 2 ed., 578p.

PEQUENO, Marconi. **10 lições sobre Hume**. Petrópolis: Vozes, 2012, 103p.

PORTO, Leonardo Sartori. **Hume**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, 60p.

RADCLIFF, Elisabeth. **A companion to Hume**. Malden: Blackwell Publishing, 2008, 592p.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, 112p.

STRATEHERN, Paul. **Hume em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, 40p.

TRAIGER, Saul (ed.). **The Blackwell's guide to Hume's Treatise**. Malden: Blackwell Publishing, 2006, 312p.

CABRAL, Tamires. **A Internet é dos “haters”**. Disponível em <<http://diariodovale.uol.com.br/noticias/0,79793,A-internet-e-dos-%E2%80%98haters%E2%80%99.html#axzz2jLis8DOj>> Acesso em 18 de outubro de 2013.

E-democracy. Disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/E-democracy>>, Acessado em 15 de agosto de 2013.

LEWIS, Helen. **Who are the trolls?** Disponível em <<http://www.newstatesman.com/helen-lewis/2013/07/who-are-trolls>>, acesso em 15 de outubro de 2013.

LOPES, Gustavo. **Redes sociais: conceitos, história e jornalismo**. Disponível em <<http://www.slideshare.net/gustavoclopes/redes-sociais-conceitos-histria-e-jornalismo>> Acesso em 18 de setembro de 2013.

MOURA, Maria Aparecida. **Cultura informacional, redes sociais e lideranças comunitárias: uma parceria necessária**. Disponível em <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/07_Cultura_informacional_redes_sociais_-_Maria_A_Moura.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2013.

OLIVEIRA, Samir. **“Atual modelo de democracia representativa está esgotado”, afirma Manuel Castells**. Disponível em <<http://www.sul21.com.br/jornal/todas-as-noticias/cultura/atual-modelo-de-democracia-representativa-esta-esgotado-afirma-manuel-castells/>>, acesso em 10 de outubro de 2013.

Data de Recebimento: 15 de dezembro de 2013;
Data de Aceite para Publicação: 04 de janeiro de 2014.